

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENA  
HABILITAÇÃO: LÍNGUAS, ARTES E LITERATURA

**NAYA FERREIRA CONCEIÇÃO**

**A FESTA DAS ÁGUAS DO PONTO DE VISTA DAS MULHERES DA ALDEIA  
IMBIRUÇU, CARMÉSIA (MG)**

BELO HORIZONTE  
2024



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Niamissū ( Deus) e aos Naô ( Espíritos de luz).

Agradeço meu esposo Adreano Pinheiro dos Santos, que esteve todo o momento ao meu lado, me incentivando a me aperfeiçoar na área da Educação, para que pudesse passar ensinamentos de qualidade aos meus filhos, por ter me fortalecido a cada dia para lutar por essa Conquista. Agradeço a toda minha família, aos meus pais em especial, por terem sempre acreditado em mim e me incentivado, em todos os momentos; ao meu irmão Itohã Ferreira que esteve ao meu lado, que me ajudou bastante na construção do meu filme, agradeço todos os risos, choros e cuidados no momento em que precisei.

Aos membros da comunidade Imbiruçu, que entenderam a minha ausência durante esse período de curso. Agradeço às minhas lideranças, Cacique Txonang e vice Akairã; Agradeço à minha orientadora,, Cláisse Alvarenga, por suas ilustres orientações; Agradeço a todas minhas entrevistadas, porque sem eles seria impossível a realização deste trabalho: Sirlene Braz, Lucidalva Alves, Adriana Oliveira, Jaqueline ;Agradeço às minhas comadres Ana Flávia e Patrícia Pinheiro, por ter me acolhido tão bem, que foram meu refúgio e por tudo que fizeram por mim nesse tempo de curso ; Agradeço a todo o núcleo FIEI, em especial aos professores que passaram por minha turma, agradeço ainda, ao FIEI, a oportunidade de ter conhecido outros povos durante o período de curso.

Um obrigado à Universidade Federal de Minas Gerais, por me proporcionar essa primeira formação; enfim, como não poderia esquecer, a imensa gratidão aos colegas da turma LAL, pelos momentos especiais por que passamos durante esses quatro anos: aos Pataxó da Bahia e aos colegas Xakriabá.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	5
MEMORIAL .....	6
OFICINA DE AUDIOVISUAL REALIZADA NA ALDEIA IMBIRUÇU .....	10
FESTA DAS ÁGUAS .....	13
CASAMENTO TRADICIONAL PATAXÓ DE MINAS GERAIS.....	21
FILMES SOBRE A FESTA DAS ÁGUAS REALIZADOS POR OUTROS AUTORES .....	26
A HISTÓRIA DA FESTA DAS ÁGUAS POR NAYA FERREIRA.....	27
Roteiro de entrevista: .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS: VENDO JUNTOS NA ALDEIA .....	32
BIBLIOGRAFIA .....	34

## INTRODUÇÃO

Neste trabalho busca-se trazer visibilidade das mulheres da do imbiruçu no ritual da festa das Águas. Procurei compreender a história de como surgiu esse ritual e sua importância para o povo pataxó de Minas Gerais, trago essa história contada através das mulheres mais velhas da aldeia imbiruçu, aldeia onde foi realizada a primeira festa das Águas.

Apresento esse relato através de um filme em que as mulheres são protagonistas mostrando a preparação do ritual e toda a situação em que estão inseridas mostrando a força e a representatividade das mulheres. O meu intuito ao realizar esse trabalho foi justamente dar visibilidade para elas, pois em todos os filmes e documentários produzidos sobre a festa das águas sempre houve um apagamento das mulheres, sendo uma pessoa que nasceu e cresceu no ritual observei tamanha importância do papel das mulheres.

A realização desse trabalho é de grande importância pois mostra toda a preparação da festa até chegar o dia da comemoração tem como em cada momento a mulher se faz presente para que a festa seja realizada. O que nunca foi mostrado pelo olhar não indígena. Trazendo uma história de como surgiu a festa usando como ferramenta de resistência às lentes de uma câmera que tem como intuito conservar essa história para que as próximas gerações tenham conhecimento de todas as tradições, deixando registrados o rosto das mulheres que na maioria das vezes são grande responsável para a transmissão do conhecimento.

Como relata Jaqueline no filme: "assim como as mulheres são responsáveis por gerar a vida, somente elas tenham cuidado e o saber de repassar os conhecimentos". Deixo aqui essa frase que diz muito o porquê o foco desse trabalho ser mulheres ao embiruçu pois assim como a minha avó Hêmugây nos ensinou, a mulher pode ser e fazer o que ela tem vontade. Sendo assim espero que tenham vontade de ler e assistir essa pesquisa, por um olhar de uma mulher indígena que por onde pisar carregará os ensinamentos de todas as mulheres da aldeia imbiruçu.

## MEMORIAL

Meu nome é Naya Ferreira Conceição, tenho 26 anos, sou indígena pataxó e vivo na Aldeia Imbiruçu, em Minas Gerais. Sou neta do Cacique Mongangá e bisneta do cacique Tururim, grandes líderes do povo Pataxó. Destaco aqui esses nomes pois tenho muito orgulho de pertencer a essas duas famílias. Nasci na aldeia imbiruçu, no município de Carmésia, Minas Gerais. Na minha aldeia tive uma infância maravilhosa, desfrutando de tudo que ela tem a oferecer: córregos, árvores e frutas. Sempre estudei na escola indígena, onde obtive muito conhecimento sobre minha cultura, tanto na prática e também através da oralidade.

Minha mãe Lucidalva Alves Ferreira e o meu pai Ronaldo Alves da Conceição sempre tiveram muito conhecimento sobre nossos costumes e tradições. A escola apenas reforçou todo esse conhecimento que meus pais me passaram. Em minha aldeia sempre me destaquei pela forma de falar da minha cultura. Acredito que por sempre ouvir histórias contadas pelos meus pais e os anciões da aldeia. Desde criança eu amava ouvir as histórias do meu povo e até mesmo os conselhos que recebemos dos mais velhos.

Aos meus 14 anos entrei no Ensino Médio em uma escola não indígena, pois em minha aldeia não era oferecido. Tive muita dificuldade na adaptação por se tratar de uma escola na cidade. Tudo era muito diferente da escola indígena, onde temos nossa liberdade em todos os espaços do território. De uma hora para outra me vi dentro de uma sala de aula fechada, com muitas pessoas desconhecidas, totalmente fora da minha realidade. Então desisti de estudar.

Com 15 anos me casei e logo engravidéi. Novamente abandonei os estudos por ser uma gravidez de risco. Quando completei 19 anos, tivemos a conquista da implantação do Ensino Médio em minha aldeia e voltei a estudar. A diferença de aprendizado que tive na escola diferenciada foi enorme. Estudei com pessoas que sabem da minha realidade. O aprendizado e as relações foram maravilhosos. Foi aí que me formei aos 21 anos e tive minha segunda filha nesse mesmo ano.

Ao me formar, fui muito incentivada pelos meus pais e meu marido a fazer a inscrição no FIEI, pois todos são formados na Formação intercultural para educadores indígenas. Além de me incentivar, também serviram como inspiração, pois estive presente em toda trajetória deles no curso. Em 2020 conseguiu uma vaga na habilitação de Línguas, Artes e Literatura. Foi uma alegria imensa, sempre tive todo apoio e incentivo do meu marido. Somente em 2022, pudemos ter aulas presenciais, todos vacinados e com todas restrições. As aulas, no início, eram remotas devido a pandemia da COVID - 19. Uma experiência incrível poder estar naquele espaço - Faculdade de Educação da UFMG - em que acompanhei meus pais estudando na infância e perceber que hoje é a minha vez de ocupar esse território, vivendo aquele sonho. Foi maravilhoso.

Meu marido e eu sempre fomos apaixonados em fazer músicas e traduzir para a nossa língua materna (*Patxohā*). Meu marido tem uma facilidade imensa para isso, então já faz muito tempo que fazemos música para a comunidade cantar nos rituais da aldeia. Nos rituais da minha aldeia há sempre um momento em que a dança passa a ter a presença somente das mulheres, com cantos e danças específicas delas. Para esse momento eu fui escolhida para tirar o canto. Vejo essa escolha como uma responsabilidade e busco valorizar e respeitar muito esse momento, pois é onde todas cantam em uma só voz e trazem juntas toda a força do canto das mulheres. Em minha comunidade sempre tive uma boa vivência com todos. As mulheres da minha aldeia me inspiram muito pois tem uma força incrível. Tenho uma ótima relação com todas, tento manter sempre o diálogo e observar o jeito de ser de cada uma. Quando criança observava que, dias antes da festa das águas, mulheres se reuniram para fazer as pinturas nelas mesmas desde as mais velhas às mais novas e até mesmo nas bebês recém-nascida, pois acreditamos que assim que o bebê nasce tem que ter um contato imediato com a tinta de jenipapo, para que quando crescer não tenha nenhum receio de usar, ou alguma reação, pelo uso.

Então isso me fascinou e achava a coisa mais linda uma mulher pintando a outra. Ao observar minha tia Reudiones Alves da Conceição pintando outras mulheres, falei para ela do meu desejo de também realizar pinturas em

mulheres. Ela disse que é observando e praticando que se aprende, me disse que com o passar dos dias o jenipapo vai sumindo da pele, e que eu poderia estar refazendo a pintura antes de sumir, e assim poderia praticar. Quando isso aconteceu, minha tia observou que eu tinha habilidade e me falou que, no ano seguinte da Festa das Águas, eu já poderia estar fazendo a pintura. Conforme eu fui crescendo, minha coordenação motora foi ficando melhor e com isso criei mais habilidade. Em minha família são cinco irmãos: três homens e duas mulheres, incluindo eu. Todos nós fazemos pintura para os rituais.

Minha irmã mais velha sempre fez a pintura da noiva, quando acontece o casamento tradicional pataxó. A pintura da noiva é uma pintura muito importante na vida da noiva, um registro que a mulher carrega para a vida. A pintora escolhida precisa estar preparada psicologicamente e espiritualmente, pois ao pintar a noiva ela recebe toda a positividade e boas energias ao ser pintada. Por muito tempo minha irmã ficou responsável por essa função. Como ela morava em outra aldeia e eu fui me destacando nas pinturas, fui escolhida para dar continuidade a essa função. Como mulher indígena, mãe, esposa e filha, me dedico muito à minha cultura. Ao meu ver, pintar e iniciar o canto das mulheres é de grande responsabilidade e representa muito para mim. Eu cresci em meio a mulheres fortes e de garra. Cito aqui a minha avó Dona Rosa, a matriarca da aldeia imbiruçu, esposa do cacique Mongangá meu avô, o qual cito no início do texto.

Depois do falecimento do mesmo, ela passou a liderar a aldeia juntamente com meu tio, cacique Romildo. Dona Rosa sempre teve na postura de liderar, grande conhecedora dos saberes tradicionais, parteira, curandeira e benzedeira. Passou para as mulheres da família o quanto somos capazes de tudo. Ela muito enalteceu a força das mulheres da aldeia. Essa força de Dona Rosa me inspirou muito enquanto mulher indígena. Carregarei para sempre todos os ensinamentos passados por ela. Em 2021, consegui uma vaga para ser professora em minha aldeia foi uma alegria enorme, pois sempre quis contribuir com educação escolar indígena e ter minha independência. Aos meus 26 anos me sinto uma mulher realizada, com meus dois filhos que são tudo em minha vida, um marido maravilhoso e os meus pais sempre amáveis e de uma

sabedoria inestimável. Além disso, claro, tem a minha independência que vale muito quanto mulher e indígena.

Busco muito enaltecer e incentivar mulheres, mudar o pensamento de que somos incapazes de ser independentes e ir em busca de conhecimentos. O conhecimento é libertador, nos faz olhar para dentro de nós mesmo e, em meio a uma comunidade, nos dá a oportunidade de sermos quem quisermos ser em qualquer lugar por onde transitarmos. A mulher indígena carrega em si muitos desafios e medos. Quanto mais mulheres se encorajarem, se pelo menos uma inspirar, já fizemos a diferença. Tenho uma relação muito boa com toda a minha comunidade, busco sempre aprender com os mais velhos e ter uma troca de experiências vividas. Aconselho sempre os mais jovens a fazer faculdade, ocupar nossos espaços enquanto indígenas, e sigo repassando meu saberes tradicionais aos meus filhos, para que eles deem continuidade aos nossos costumes e tradições, e que continuem dando voz a nossa cultura.

## OFICINA DE AUDIOVISUAL REALIZADA NA ALDEIA IMBIRUÇU

Em julho de 2023, o cacique da Imbiruçu, Romildo pataxó, informa a toda a comunidade que faríamos parte de um documentário, por nome *É tudo parente*, que seria realizado em nossa aldeia com objetivo de mostrar nossa conexão com a natureza e trazer os não indígenas para conhecer nossa realidade e aprender sobre a nossa forma de viver. Em agosto, nos dias 2 e 6, chegou a equipe de gravação que veio conhecer e explicar como funcionaria as gravações e nos conhecer melhor. Explicaram qual era o objetivo do documentário e quais benefícios traria para nossa comunidade. Reuniram todos da aldeia para esclarecer alguns pontos e nos tirar dúvidas referente ao trabalho.

A Mariana Fagundes, diretora do filme, nos contou que ao realizar o filme a equipe teria que deixar algo de valor material para a comunidade e pediu para o cacique conversasse com todos e escolhêssemos o que seria viável naquele momento. Em meio a conversas, os jovens demonstraram bastante interesse em uma oficina de audiovisual pois muitos desejam aprender mais sobre o cinema e usar o vídeo como ferramenta de luta. As gravações realizadas dentro da aldeia deixam registradas a nossa cultura e a tradição por meio de imagens. Meu desejo como estudante na fase de construir o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) também era realizar por meio de vídeos o papel das mulheres na Festa das Águas. Então a ideia da oficina coincidiu com meu desejo. A ideia foi aprovada e então foram escolhidas 10 pessoas e queriam participar: cinco mulheres e cinco homens. A professora que nos acompanhou na oficina foi a Raquel. Ela se mostrou muito empolgada com o trabalho realizado em nossa aldeia.

O primeiro dia de oficina foi o dia de nos conhecermos, falar qual era o objetivo de cada um ao realizar a oficina e falar sobre o que sabíamos sobre o audiovisual. A maioria dos participantes não sabia muita coisa sobre o audiovisual. Somente uma pessoa, meu primo Akanawã que já tem o curso concluído em fotografia, tinha conhecimentos prévios de produção de imagens. Então ele foi o mediador da turma. Ficamos com a função para o segundo dia

de falar sobre uma produção audiovisual que nos marcou. No segundo dia nos foi falado sobre a organização como guardar arquivos e os cuidados para não perder o material. Foi falado sobre a definição do audiovisual e cinema. Aprendemos também sobre as etapas da produção audiovisual e, por fim, as funções que são realizadas em uma produção audiovisual.

No terceiro dia a professora nos ensinou novamente sobre as etapas da produção audiovisual e falou da ideia de fazermos nossa própria produção relacionada com algum tema da nossa cultura que nós mesmos escolhemos. Aprendemos sobre a pré-produção e a pós-produção, logo após discutirmos um tema a ser gravado. Então fomos conversar e alinhar o roteiro, pesquisa de locações, pesquisa de personagens, elenco, figurino e cenário. Fizemos a escolha dos papéis de cada um da equipe com ajuda de Raquel nos falando das funções em uma produção. No quarto dia tivemos o contato com os equipamentos e cada um de nós, já com as suas funções estabelecidas, pudemos manusear os equipamentos, a câmera profissional, microfone, projetor, claque, tripé e outros e saber a função deles.

Observamos também a gravação do documentário *É tudo parente*, por trás das câmeras, conhecemos a equipe e cada pessoa falou de suas funções, esclareceram as nossas dúvidas e a cada *take* realizado nos explicaram sobre algo. A atividade para casa era trazer no dia seguinte um plano de imagem de 1 minuto. No quinto dia assistimos os planos de imagem levados e a Raquel falou o que poderíamos melhorar e qual a melhor posição para gravar com o celular. Logo após começamos a realizar a gravação. O tema escolhido foi espírito da mata Hamãy. Na nossa crença, ela é um espírito responsável por cuidar e proteger os animais. Nesse pequeno filme, contamos a história de uma criança indígena vendo a Hamãy e uma criança não indígena que não a via. A partir disso a criança indígena contava para a outra criança as histórias e crenças na Hamãy.

A criança não-indígena que fez parte do documentário e da produção do filme a trouxe juntamente com a mãe para aldeia com o objetivo de realizar o documentário. No quinto dia era o encerramento da oficina. Aprendemos muita

coisa. No decorrer dos dias a professora nos trouxe vídeos para assistirmos juntos, assistimos um filme em formato de documentário, Pataxó da Bahia, um filme maxakali e um filme não-indígena. Após assistir comentamos sobre cada filme, pois cada filme tinha um formato diferente, um era documentário produzido pela TV Bahia sobre o povo Pataxó do extremo sul da Bahia, o outro era uma história contada através de desenhos maxakali e o outro foi uma história contada com música. Falamos um pouco sobre a história do cinema, e foi nos apresentado câmeras antigas, fotogramas e muitas outras coisas. No fim da tarde do quinto dia, a Raquel teve que ir embora, mas no dia seguinte continuamos a gravação do filme *Hamāy*, agora com apoio da diretora do documentário *É tudo parente*.

A realização do filme foi em locais diferentes, escolhemos quem iria atuar nos figurinos e fizemos gravações. Foram três dias muito cansativos pois gravamos várias vezes a mesma cena até ficar do jeito que queremos. Fazemos gravações à noite, o que era novidade para nós. Muitas vezes tivemos que esperar o horário certo por causa da luz. Foram dias cansativos mas que valeu muito à pena, nos divertimos e aprendemos muito no processo. Foi uma experiência incrível. Além das trocas, as conectamos bastante. Pude aprender muito e me sentir preparada para realizar a gravação do meu percurso - esse era meu objetivo maior.

Figura 01 - Primeiro dia de gravação | Preparação da festa das águas.



(Acervo Pessoal, 2023)

## FESTA DAS ÁGUAS

A Festa das Águas é um ritual anual que ocorre na aldeia Imbiruçu. A festa é realizada no mês de outubro, pois é o tempo que chamamos “tempo das águas” no qual agradecemos a Niamissu (Deus) e os naô (espíritos) pela chuva, pedimos fartura no novo tempo que se inicia. Realizada na aldeia desde 1991, a comemoração faz parte dos esforços da comunidade para resgatar e manter vivas as tradições e os rituais de seus antepassados por meio da culinária, dos jogos, das brincadeiras e de outras manifestações culturais e artísticas. Para os Pataxó, que se denominam “filhos da água”, esse elemento da natureza tem uma simbologia muito importante e é considerado fonte de equilíbrio e vida. De acordo com a cosmologia Pataxó, os primeiros indígenas desse povo foram criados dos pingos da chuva ao cair na terra. Na aldeia Imbiruçu, a realização da Festa das Águas tem uma importância especial porque é uma das iniciativas que faz parte do processo de recuperação e renovação da cultura Pataxó da comunidade. Localizada na reserva Terra Indígena Guarani, no município de Carmésia, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, a aldeia é composta de cerca de 46 famílias. A festa das águas é realizada no centro cultural da aldeia, Awê Kêpây Mongaguá (dança com pai monganga), nome dado ao local em homenagem ao ex-cacique da aldeia.

As mulheres mais velhas contam que tudo começou com uma brincadeira dos membros da comunidade. Nela, eles iam à casa um do outro com uma vasilha de água, molhando as casas e os seus integrantes. Era uma forma de diversão naquele momento em que existia a fartura de água, pois essa brincadeira sempre ocorria no período da chuva já que os córregos, rios e lagoas transbordavam de água, e viam a grande fartura também de peixes e até mesmo de frutas e árvores mais verdes. Ao recordar que os mais velhos faziam essa brincadeira, resolveram levar mais além, como forma de agradecer aos espíritos pela chuva e portanto pela fartura. A preparação da Festa das Águas é realizada praticamente o ano todo. Ou seja, estamos sempre nos preparando para a Festa, que é muito aguardada.

Temos um mês de antecedência para toda uma preparação com a limpeza espiritual e a do espaço e, nesses momentos de preparação, contamos com a presença de toda comunidade, desde as crianças aos mais velhos. Todos estão

envolvidos nas roçadas, nas capinas, nas renovações das cabanas, na limpeza da lagoa e cachoeira, na busca da lenha para a fogueira, nas produções de cantos Pataxó, na preparação das bebidas típicas como o kawim (bebida feita da mandioca) e a hâmägui (bebida feita com a casca do angico), na preparação espiritual do corpo e na busca do jenipapo fora da aldeia para fazer as pinturas, pois não encontramos o fruto do jenipapo em nossa aldeia.

A preparação espiritual tem um grande envolvimento das mulheres. São sempre elas que são engajadas na preparação de banhos, chás e na preparação do corpo para o grande ritual, que além de ser um ritual de agradecimento, precisamos estar bem espiritualmente, com energias boas e com harmonia com todos a nossa volta. Fazemos aplicação com o paricá (rapé) , fazemos nossos cantos internos, e buscamos resguardar o corpo nessa preparação.

No ano de 2023 tivemos a inauguração da nossa casa de reza, a qual denominamos Casa dos Saberes. Nossa líder espiritual, Adriana Oliveira, que nos guia no caminho da espiritualidade, é uma mulher, apesar de jovem carrega o vasto conhecimento sobre nossa ancestralidade. A função dela é incentivar os mais jovens a dar seguimento ao nosso ritual sagrado e ensiná-las a lidar com o nosso conhecimento da medicina tradicional. Nessa casa é onde fazemos a nossa conexão com o mundo espiritual, cantamos nossas músicas, recebemos recados dos ancestrais, que nos ensinam a fazer chás, remédios e nos mostram qual caminho devemos seguir quando há dúvidas. Fazemos a aplicação do paricá (rapé), temos o benzimento, banhos e conselhos para viver uma vida bem com toda comunidade. A grande maioria que segue esse caminho da espiritualidade são mulheres jovens e são bem engajadas na parte espiritual e em todas as atividades da comunidade.

Figura 02 - Inauguração da casa dos saberes



(Acervo: Rômulo Tadeu Alves dos Santos Junior,2023)

Figura 03 - Casa dos saberes



(Acervo: Uirapuru Graciano Ribeiro,2023)

No mês de setembro é quando se inicia a preparação para a Festa das águas. No final de semana toda a comunidade se concentra em nosso centro cultural para fazer limpeza do espaço, roçar capinar e rastelar. Homens e mulheres exercem o mesmo papel. Fazemos também a limpeza da nossa Mirapé (lago sagrado) de

onde tiramos toda a água, deixando o lago vazio. Nós acreditamos que a “água nova” traz renovação, capaz de curar doenças e tirar a ruindade do corpo. Quando a lagoa enche de água novamente não é permitido o banho nessa água até a festa.

Com duas semanas antecedentes da festa das águas, todas as famílias se reúnem e vão dormir no centro cultural, praticamos todas as atividades do dia a dia coletivamente. O esperado é que até chegar a semana antes de irmos para Mongaguá, como assim chamamos o centro cultural, esteja tudo limpo para colocar nossas barracas e ficarmos até o dia da festa. É nesse momento em que fazemos os banhos, chás e toda noite fazemos um awê para nos fortalecer. Como todas as atividades são coletivas, todos têm funções. As mulheres se dividem e fazem um cronograma de quais são as mulheres que irão cozinar e qual dia. Temos a tradição de que a mulher que cozinha, o marido dessa mesma lava as panelas. Normalmente são oito mulheres em cada grupo: oito à noite e oito no almoço. Então cada homem tem a responsabilidade de lavar a panela da esposa.

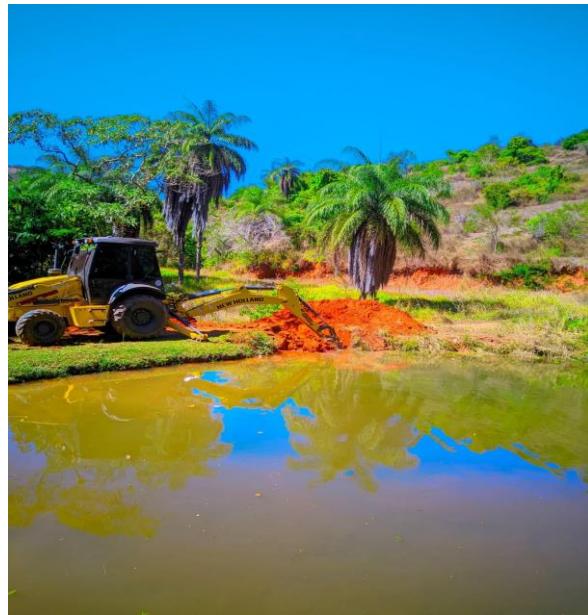
As meninas solteiras ficam para lavar os banheiros e fazer as tintas de jenipapo e urucum. As mulheres que fazem a pintura em outras ficam suspensas da cozinha. Pois sabem que fazer pintura exerce uma grande exigência na mente e no espírito então ela fica somente com essa função. As mulheres mais velhas ficam responsáveis pelo café e o kawâ (bebida feita da mandioca). Todas as noites é feito uma grande fogueira para que seja contando causos e história do nosso povo aos mais jovens.

Figura 04 - Preparação da festa das águas | mulheres preparando o espaço



(Acervo Pessoal , 2023)

Figura 05 e 06 - Momento em que a lagoa está sendo esvaziada.



(Acervo: Uidxaruá Graciano Ribeiro, 2023)



A festa das águas ocorre normalmente nos dias 05 e 06 de outubro. No primeiro dia, acordamos bem cedo, retocamos nossas pinturas, passamos o urucum nos corpo e nos reunimos na cabana principal, para ouvir nossas lideranças e fazemos o awê. Então o cacique chama todas as crianças que irão batizar ao meio da roda, acompanhadas de seus pais e as pessoas escolhidas para acompanhar e incentivar a criança em sua cultura. As crianças do sexo feminino, ficam com as mulheres e as do sexo masculino com os homens. Vamos dançando até os terreiros, na lagoa os homens seguem seu caminho e as mulheres o delas. No terreiro das mulheres fazemos cantos com as nossas novas guerreirinhas e agradecemos aos Naô (espíritos) pela vida de cada uma, preparando-as para que cresçam firmes e fortes em nossa cultura. Quando os homens terminam a preparação dos meninos que irão ser batizados, nos informam para dizer que estão prontos e seguimos em direção ao Mirapé (lago sagrado).

Chegando no local, nos organizamos e as crianças a serem batizadas ficam perto do cacique, que pega uma por uma, faz a apresentação para os Naô (espíritos) e txopai (Deus da água), fazendo a defumação com amescla, aruanda e imburana. Os pais e padrinhos fazem a escolha da música que vai ser cantada na hora do batismo. Após a defumação, o cacique molha os pés, as mãos e a cabeça das crianças, para que com água a criança tenha a benção de viver e contemplar nossa cultura. Dançamos e cantamos até a cabana principal, onde é servido o almoço com comidas típicas, o peixe assado tradicionalmente Pataxó, a farinha de puba e o beiju, nossas comidas são servidas para quem queira experimentar, as mulheres fazem o papel de servir a todos . Após o almoço, temos o descanso e então são realizados alguns jogos indígenas com os visitantes. Fazemos uma roda de conversa com os jovens para falar sobre nossas lutas, falar sobre o preconceito que enfrentamos. Quando chega a noite, jantamos e vamos descansar mais cedo, para o outro dia acordamos renovados e com disposição.

Figura 08 e 09 - Batizado das crianças | Festa das águas.



(Acervo: Aldeia Imbiruçu, 2023)



(Acervo: Wakenã Souza, 2024)

No dia 06 de outubro, segundo dia, o ritual inicia bem cedo. As mulheres vão se preparar em seus terreiros, lugar onde é permitido a entrada somente das mulheres. Os homens também se preparam em seu terreiro, local permitido

somente com a presença de homens. Esses terreiros são lugares de preparação e concentração, com cantos, buscamos força e equilíbrio quando nos dirigimos para lá. Logo após esse tempo de concentração, vamos cantando e dançando até a cabana principal, mas antes de chegar, nos encontramos com os homens ao redor da lagoa, pois cada terreiro é dividido pela lagoa, e seguimos juntos até a cabana. As mulheres nessa hora tem a ilustre função de carregar o pau-de-chuva, artesanato utilizado somente no dia da Festa das Águas, pois representa o barulho que a chuva faz. A madeira utilizada é a imbaúba. Essa madeira é oca e nela são inseridos pedaços de bambu bem finos e firmes. Para fazer o barulho é colocada a areia da cachoeira.

Quando chegamos na cabana, é cantada mais uma música, e logo todos ficam em silêncio, para que as mulheres possam ecoar o pau de chuva, fazendo assim o barulho da chuva. Há alguns anos é realizado o casamento tradicional Pataxó, que é logo após a abertura com o pau-de-chuva. O pau de chuva é o símbolo do chamado da chuva, pois com ele as mulheres ecoam o seu som que para nós é como se estivéssemos chamando a chuva, para que ela venha e traga a fartura.

## **CASAMENTO TRADICIONAL PATAXÓ DE MINAS GERAIS**

Os mais velhos contam que antigamente quando um rapaz se interessava por uma moça, eles namoravam só por troca de olhares, para saber se a moça teria a mesma intenção que a dele. Jogava uma pedrinha nela, se ela tivesse o mesmo interesse retribuía com uma flor. E assim começava o namoro Pataxó, que não se prolongava muito, pois já se casavam logo. No casamento Pataxó, o rapaz avisa os pais da moça, os seus pais e o cacique e em pouco tempo começam os preparativos para o casamento, que também não demoram muito para ser realizados. Todas as cerimônias de casamentos são realizadas pelo cacique e o pajé. Nesse dia, o noivo carrega uma pedra, de peso equivalente ao peso da noiva, por uma distância que os pais da noiva escolhem junto ao cacique.

O carregamento da pedra simboliza a força e a resistência para manter a família. É como se eles fossem caçar e houvesse na caçada um contratempo com sua esposa e ele então a carregaria até a sua casa. Caso ele não consiga carregar a pedra, o casamento não acontece, porque seu insucesso indica que ele não está

preparado para assumir uma família. O noivo tem a responsabilidade de procurar uma pedra para pintar com a pintura do casamento, que é a espinha do peixe. No dia da celebração, que ocorre na Festa das Águas, tem o momento específico do casamento. A noiva começa a se preparar às 05:00 horas da manhã. Uma mulher específica fica responsável por pintar e cuidar da noiva. A pintura usada pela noiva é da espinha de peixe e só é utilizada a cor vermelha.

Ela se resguarda das 05:00 horas até a hora da cerimônia, em uma cabana feita de palha construída pelo noivo. As mulheres e homens da comunidade após a abertura do ritual, voltam para seus terreiros. As mulheres se resguardam para vir ao encontro da noiva e os homens vão preparar o noivo. O noivo vem da mata ao encontro da noiva, trazendo a pedra em seus ombros, na distância que foi escolhida, com todos os homens da aldeia cantando para dar força a ele. Nesse momento, as mulheres já se encontram ao redor da cabana da noiva, cantando para ela. Chegando lá, o noivo busca a noiva e a leva para dentro da cabana principal, agora com homens e mulheres reunido. Chegando na cabana, a noiva ajuda o noivo a descer a pedra até o chão e, a partir daí, já começam a carregar a responsabilidade de um ajudar o outro na relação. Então, é feita a troca de cocares entre eles. Essas trocas de cocares é o que simboliza a união entre os noivos como se fosse a aliança do casamento do não indígena.

Após a realização da cerimônia, é feita uma pausa para o almoço, com as comidas típicas. Então descansamos e voltamos com o awê na cabana principal, que se localiza no centro do nosso espaço cultural, no Awê Kêpôy Mongangá. Apartir disso as mulheres e homens vão novamente para o terreiro. Dessa vez, em busca, dos seres da mata. Para nós é de extrema importância a representação desses seres no ritual. As mulheres são responsáveis pela Hâmãy, que para nós é o ser protetor dos animais, que se caracteriza pelo sexo feminino. Ela protege os animais de pessoas que os machucam, que caçam sem necessidade e que desrespeitam os limites da floresta.

Esse ser pode se transformar em qualquer animal, a ponto de atrair pessoas, que ela tem um certo apreço ou pessoas que são desrespeitosas. No entanto, com as pessoas desrespeitosas, ela costuma dar um certo castigo, deixando-as perdidas

na floresta e até mesmo abobalhadas. Suas características físicas são muitas. Todas as pessoas que já relataram que a viram, fizeram descrições de formas diferentes já que ela pode se transformar em qualquer coisa. Os homens vão em busca do Pai da mata, protetor de todos os segredos da floresta, que busca o equilíbrio e a preservação do meio ambiente. Esses dois seres trazem consigo a preservação e o bom uso do meio ambiente. Existe uma relação entre esse bom uso da natureza e os espíritos. Damos muita importância aos nossos espíritos, pois eles nos guiam pelo bem maior do planeta, embora na Festa das Águas temos apenas a representação desses seres. Nós acreditamos em sua existência, temos relatos atuais de pessoas de nossa aldeia, que já passaram por algumas situações com esses seres.

Figura 10 – Seres da Mata



(Acervo: Akanawã Fotografia, 2023)

Figura 11 – Seres da Mata



(Acervo: Akanawā Fotografia, 2023)

As características desse ser, da maneira como nos relata, ele tem a aparência de um pé de palmeira, a piaçava, e é muito alto e robusto. Ao buscar os seres da mata, levamos eles à cabana para apresentá-los às crianças e abençoá-las. Dançamos e cantamos em volta deles, levamos até a lagoa, dançamos e cantamos novamente, até o cacique escolher jovens para levá-los de volta a mata. Enquanto isso, toda a comunidade continua fazendo o awê, já retirando os trajes. Até o cacique dar o aviso para todos da roda. Então é hora de cada pessoa pegar uns aos outros, jogar no barro que já está pronto, com água. E lambuzar uns aos outros, nesse momento todos se divertem, tem pessoas que correm, para que os outros peguem. Ninguém sai limpo e seco essa hora.

É tradição que todos ali saiam com a lama no corpo ou molhado. Há quem prefira fazer tudo sozinho com o pedido de renovação, e, em seguida, mergulhar no Mirapé, e fazer a purificação, pedindo que a água nova, leve tudo que não nos faze bem, e pedir que o novo ciclo venha com muita fartura. O barro é preparado por uma pessoa específica que faz a preparação antes da busca dos seres da mata. A preparação consiste em pegar o barro vermelho, misturar com água do mirapé (lago sagrado) e com banhos de folhas sagradas, preparado pelo pajé. Após todo o ritual de purificação, algumas pessoas vão para suas casas, outras ficam no centro cultural até todos os visitantes irem embora. A noite ainda temos a janta que é servida mais cedo, pois logo após temos o samba Pataxó em comemoração aos noivos e ao agradecimento de termos alcançado nossos objetivos em relação ao ritual, cantamos e festejamos ao som do bagaço de jenipapo, grupo da minha aldeia de samba Pataxó.

## **FILMES SOBRE A FESTA DAS ÁGUAS REALIZADOS POR OUTROS AUTORES**

Devido ao tema do percurso ser relacionado à Festa das Águas, assisti vídeos produzidos por outros autores. A maioria dos filmes é de autoria não-indígena. Em geral, esses trabalhos mostram em si a Festa Das Águas no dia de ritual, nos mostra tudo que ocorre no dia, a apresentação do awê, fala das lideranças, a apresentação dos seres da mata, casamento, batizado. Tudo que ocorre durante os dois dias de ritual. Com o olhar de não-indígena vemos que, para eles, o ritual só acontece naquele determinado momento, todas as imagens feitas a partir desse contexto, tem como foco a figura masculina e suas funções no ritual. Nos mostra pouco a nossa realidade e tudo que acontece por trás disso, como os dois gêneros são importantes nesse ritual e que temos toda uma preparação, o que faz com que o ritual comece muito antes daquilo que as pessoas consideram ser o ritual.

A figura masculina posta em foco nos dá a ideia de que as mulheres não se fazem presentes no ritual e tamanha importância delas em todo processo construído até chegar o dia da Festa. Talvez por uma cultura de apagamento de mulheres em qualquer contexto, seja indígena, negras ou até mesmo brancas. Mulheres indígenas muitas vezes são vistas apenas como um rosto bonito, que ao olhar não-indígena, tem que estar devidamente lindas, enfeitadas e apenas isso. Não estamos em um papel de liderar dentro dessas circunstâncias.

Essa situação não se propaga em minha aldeia, pois as mulheres são muito respeitadas. Temos uma posição de valor e que nossas ideias e pensamentos são válidos em qualquer situação. Temos o olhar indígena de que a mulher é um ser precioso, capaz de gerar vida, cuidar e fazer tudo que um homem faz.

Apartir da minha visão e a realidade de minha comunidade me deu um impulso maior para mostrar, a valorização e o papel da mulher no ritual. Em todos os âmbitos as mulheres se fazem presentes e em todas as decisões tomadas sempre há uma palavra das mulheres. Até na questão que está muito ligada as mulheres são a transmissão de conhecimentos tradicionais. Esse é um papel fundamental em uma cultura e a maioria das vezes, somente mulheres tem essa

função.

Tendo isso em vista, pretendo mostrar uma versão das mulheres de minha aldeia que poucos conhecem. Que por mais que vivamos em um mundo onde o homem é visto sempre como a figura principal. O modo de vida e a vivência em minha aldeia se diferenciam: nos respeitamos e nos tornamos comuns em relação uns aos outros, para não ter um certo domínio de gêneros. Com esses valores e visões, o meu filme tem como protagonistas as mulheres, contando a participação delas e mostrando o papel importante que fazem no ritual.

#### **A HISTÓRIA DA FESTA DAS ÁGUAS POR NAYA FERREIRA**

Meu desejo em realizar o filme, foi de mostrar a realidade da festa das águas, por um olhar indígena, a partir do protagonismo das mulheres indígenas da minha aldeia. Cresci vendo a importância das mulheres para a Festa das Águas e ao crescer fui me tornando uma mulher que carrega os mesmo princípios. Ao analisar vídeos realizados na Festa das Águas por um olhar não indígena pude perceber que as mulheres nunca foram mostradas como mereciam. Todas as imagens feitas pelos homens eram o foco.

Ao conversar com meu coorientador Flávio Santos, ele me chamou atenção para esse aspecto das imagens produzidas no ritual. Meu desejo em fazer as gravações aumentou. Com a vinda de uma equipe de gravação para minha aldeia, na produção de um documentário, trouxeram uma proposta de ajudar em algo para a aldeia. Em conversa com a comunidade, decidimos por uma oficina de audiovisual, já que muitas pessoas da comunidade tinham interesse em aprender sobre o assunto. Inclusive eu, já que pretendia fazer o meu trabalho de percurso envolvendo o audiovisual. Fizemos a oficina em meados do mês de agosto, em setembro, eu já viria ao módulo em Belo Horizonte. Conversando com a equipe de gravação, falei do meu projeto de percurso, eles adoraram a ideia e também pensaram em gravar também com foco nas mulheres, pois iam fazer imagens na Festa das Águas. Foram 10 pessoas da minha aldeia que tiveram participação na oficina, comuniquei com eles

também, da minha pretensão em gravar o ritual. Meu primo Akanawã que já tem o curso de fotografia se disponibilizou a me ajudar. Fiquei bastante feliz, mandei o meu projeto para ele, e conversamos sobre minha proposta, que meu foco seriam as mulheres. Ele gostou bastante da ideia, que seria gravar desde a preparação da festa das águas, que é uma parte importante do processo até chegar o dia da festa. Esse também era um ponto importante. Por que as imagens feitas por pessoas não-indígenas da festa, em geral se concentravam apenas no momento da festa e não na sua preparação.

Meu desejo seria gravar a chegada das mulheres no centro cultural da aldeia. Elas chegam bem cedo, trazem as ferramentas de trabalho como, enxada, rastelo e vassouras. Carregando junto com elas também seus filhos pequenos. As meninas jovens também participam, seja para fazer as funções ou cuidar das crianças pequenas para que a mãe possa trabalhar. Cada dia da preparação, as mulheres são designadas a fazer funções diferentes. Conseguí gravar grande parte desses afazeres. Falava com meu primo o que gostaria que fosse gravado. Ele escolhia a luz e o ângulo, e assim fazíamos as imagens. Todos os dias de gravação tínhamos que chegar mais cedo que todos da comunidade. As pessoas geralmente chegam no centro cultural em torno das 06:00 horas, nosso objetivo era conseguir gravar a chegada de cada um.

A preparação da festa se inicia nas últimas duas semanas de setembro. É quando começamos a ajeitar o local de dormir, levar as barracas, tem a construção dos artesanatos, a preparação das pinturas. E isso era justamente o que eu queria que tivesse no meu vídeo. Como eu ainda estava no módulo em Belo Horizonte informei aos professores que teria que me ausentar na ultima semana, já que o meu projeto consistia em gravar a preparação da festa das águas. A proposta foi aceita por eles e consegui fazer as gravações, juntamente com meu primo, que me ajudou bastante, tenho muito que agradecer, pela boa vontade e empenho, me dando ideias e também aceitando meu ponto de vista. Tive uma conversa com as lideranças da minha aldeia, em relação ao meu trabalho, que eu e o Akanawã iríamos nos ausentar nos trabalhos comunitários para nos dedicar à feitura do filme. Eles concordaram e

apoiaram minha ideia. No dia da Festa das Águas foi desafiador. Como sou responsável por pintar a noiva, não consegui gravar a parte da abertura e o meu primo tinha que fazer algumas imagens do ritual, para conteúdo dele por isso ele também não pôde gravar. É bastante difícil conciliar a participação no ritual com a feitura do filme. Mas após pintar a noiva, consegui fazer algumas imagens. Das mulheres na cozinha, as crianças a serem batizadas fizeram imagens de alguns momentos. O cuidado das mães com suas filhas para prepará-las para o ritual. Na parte da busca dos seres da mata, não foi possível fazer imagens, pois também fui escolhida para ir preparar a Hamãy, pintar e colocar os adereços. Nessa parte do ritual, algumas mulheres são escolhidas para cuidar dela. Essa hora é preciso que faça a pintura nela e colocar adereços de todas as mulheres da aldeia, cada uma traz um adereço do seu uso, para que a Hamãy fique muito bem produzida e não mostre a face de quem a representa. O momento de apresentar os seres da mata é de muita correria. Depois da apresentação deles, vem o awê mais intenso, pois é a preparação para se lambuzar no barro e a purificação. Não consegui fazer imagens desses momentos também. Esse momento aconteceu o mesmo que tinha acontecido quando eu fui a pintar a noiva. Mais uma vez, dei o filme para participar do ritual plenamente. Quando encerramos o ritual, a noite temos a comemoração com o samba tradicional Pataxó, dançamos e festejamos, com a sensação de dever cumprido e a comemoração do casamento. Mesmo cansados, temos disposição para sambar e cantar nossas músicas do samba tradicional. Após a festa temos uma semana de descanso, para voltar às atividades normais da aldeia.

Quando esteve na aldeia, a Mariana Fagundes, diretora do filme *É tudo parente*, me cedeu um HD para fazer o armazenamento das imagens. Deixei com o Akanawã, que ficou responsável pelas imagens. A partir desse momento, fiquei tranquila em relação às imagens, pois já tinha produzido tudo o que tinha planejado. Então dei para editar em Janeiro, nas férias, como já era final de ano, com encerramento das aulas, estamos sobrecarregados nesse momento. Em Janeiro, no território chove bastante, tem muitos raios e trovões essa época, e foi assim que, um certo dia, caiu um raio muito forte, que afetou

todo território, inclusive minha aldeia, que teve muitos eletrodomésticos queimados incluindo o notebook do meu primo onde estava as imagens produzidas no ritual. Ele me comunicou, fiquei muito triste, pois tinha perdido todo meu trabalho de percurso, e teria que mudar de rota. Fiquei muito chateada e triste. Em uma conversa com meu irmão Itohã, tivemos a ideia imediatamente, pois nas imagens perdidas estava todo meu percurso, tivemos a ideia de gravar as mulheres contando sobre a festa das águas. Segui o roteiro que minha orientadora Cláisse me propôs. Nós fizemos esse roteiro juntas quando eu fui à UFMG para orientação em dezembro de 2023. A ideia seria que a gente ia criar um roteiro para guiar a conversa com as mulheres mais velhas e com as mais novas, mas que seria mais para eu lembrar o que perguntar e não para eu ler durante a entrevista.

### **Roteiro de entrevista:**

#### **Roteiro 01 – Anciãs da Comunidade**

- Como era o ritual no início? Vc se lembra quando foi seu primeiro ritual?
- Vc nota diferenças entre o ritual do passado e dos dias de hoje?
- Quem te ensinou a preparar o ritual?
- Qual a sua expectativa em relação ao ritual deste ano?
- **Qual a importância de transmitir os conhecimentos do ritual para as mais novas?**
- Suas filhas e netas já participam do ritual? Como elas foram introduzidas no ritual?
- Qual o momento mais importante para o ritual na sua opinião?
- Quando se começou a fazer a representação da Hamay? Qual a importância dessa retomada?
- Qual a importância da pintura corporal?

#### **Roteiro 02 – Jovens**

- Qual a importância da participação das mulheres mais jovens no ritual?
- Quando que foi seu primeiro ritual? Como elas se viram dentro do ritual?
- Com quem que elas aprenderam a preparar o ritual?

- Qual a participação das mulheres mais jovens no ritual?
- E a importância das mais velhas?
- Suas filhas já participam do ritual? Como elas foram introduzidas no ritual? Qual o momento mais importante para o ritual na sua opinião?
- Quando se começou a fazer a representação da Hamay? Qual a importância dessa retomada?
- Qual a importância da pintura corporal?

Eu fazia as perguntas focando na história de vida de cada mulher da minha comunidade e o olhar delas sobre a festa das águas e meu irmão ficou responsável pela câmera, que desta vez foi pelo celular e deu muito certo. As mulheres se mostraram muito empolgadas, me deram todo apoio, foi maravilhoso o envolvimento com cada uma delas, saber a história de vida de cada uma, saber da história da festa das águas contada através de mulheres sábias. Nessa parte do filme foi a que senti muito bem em realizar, e me fez perceber que teria feito a escolha certa do meu percurso. Agradeço muito o envolvimento do meu irmão e o esforço em me ajudar nos diverti e aprendeu bastante no processo. Apesar de ter mudado toda minha estratégia em relação ao percurso tive muito apoio, da minha orientadora, do meu irmão e das mulheres que me receberam com muito carinho. Alguns dias se passaram e meu primo entrou em contato comigo dizendo que conseguiu achar algumas imagens no cartão, fiquei muito feliz que nem tudo tinha se perdido. E pensei em acrescentar às imagens a entrevista das mulheres, então tudo foi se encaixando. O processo não foi fácil, é claro, mas valeu muito ter escolhido esse tema de percurso, as mulheres da minha aldeia têm muita força e garra, e com as palavras faladas por elas, me deu um impulso a mais para mostrar essa parte de minha aldeia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: VENDO JUNTOS NA ALDEIA**

No dia 29 de julho foi realizado em minha aldeia o intermódulo, onde recebemos com muito prazer os professores da UFMG, Paulo Maya, Cláisse e a bolsista Ana. Foram dias de muito aprendizado e troca de conhecimento, mostrar um pouco da realidade da minha aldeia para os professores sempre foi um sonho. Pude fazer a minha pré-apresentação das imagens que tinha feito da festa das águas, para minha comunidade e professores, todos ficaram bem satisfeitos com as imagens, para mim foi uma honra. Como o filme ainda não estava editado, pude ter orientação da professora Cláisse, que me deu instruções por onde começar, já que ao meu ver foi um desafio imenso, pois não entendia nada de edição. Tive do meu lado na orientação meu irmão Itohã que foi quem me ajudou a editar o filme, a professora buscou o melhor meio para que pudéssemos fazer a edição com tranquilidade. Cláisse, Itohã e eu revimos as imagens, Itohã, com sua habilidade em tecnologia ficou muito empolgado em me ajudar, até pelas orientações da professora.

Agradeço muito a meu Irmão por ter me ajudado, pois sem ele não haveria conseguido, apesar da concentração e uma sensação de estar fazendo tudo pela primeira vez nos divertimos muito, foi muito bom ter ele comigo nesse momento. Também vimos filmes de uma cineasta indígena, o que me trouxe mais inspirações, de como podemos mostrar a nossa forma de ver o mundo através das câmeras, como mulher indígena me senti muito inspirada. Surgiram ideias até para os próximos filmes, como a nossa aldeia é rica e o quanto temos muito o que mostrar através das lentes. Espero que seja apenas o começo de uma longa história que irei contar da minha aldeia, registradas pelas câmeras.



Figura 12 e 13 – Exibição do documentário



(Acervo: Paulo Maia , 2024 )

## BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Clisse. *O caminho do retorno: o cinema feito pelas cineastas ameríndias*. In: HOLANDA, Karla (org.). **Mulheres de cinema**. Rio de Janeiro: Numa Editora, 2019, p. 175-190.

BENITES, Sandra. *O Nossa corpo é o nosso chão*. In: **Cadernos Selvagem**. Dantes Editora, Biosfera, 2023. Disponível em: <<https://selvagemciclo.com.br/cadernos/>> Último acesso em 8 de março de 2024.

BENITES, Sandra. *Piração*. In: **Corpos que falam**. Disponível em: <<https://corposquefalam.weebly.com/escritas/piracao-sandra-benites-ppgasmnufrj>>. Último acesso em 20 de outubro de 2020.

GUARANI, Graciela et ali. *Um cinema que é flecha certeira: olhares sobre o visível e o invisível no cinema pluridiverso das mulheres indígenas*. In: TAVARES, Joana Brandão (org.) **Catalogo da Mostra Amotara – Olhares das Mulheres Indígenas**. Bahia: Pau Brasil, 2021, p. 19-30.

TERENA, Naine. *Hashtag me processa! (#meprocessa)* In: TAVARES, Joana Brandão (org.) **Catalogo da Mostra Amotara – Olhares das Mulheres Indígenas**. Bahia: Pau Brasil, 2021, p. 35-40.